

PARTE III: ELEFANTE

André Mortágua, 34 anos

A Margarida interrogou-nos como se todos fôssemos culpados. Não me sentia minimamente culpado e sabia que os meus colegas também não. Apesar de ter inimigos, o Daniel não teria sido morto por um dos meus colegas.

Devo dizer que nunca assistira a uma morte. Viver a morte da Filipa, tão perto dos meus olhos, foi uma prova de que num segundo deixamos de existir. Num segundo passamos a fazer parte do passado, sem que o passado tenha algum valor. A visão negativa da vida vem, em parte, desse final. É como o final medíocre de um filme extremamente bem realizado. Podemos procurar o melhor, mas o melhor de nada servirá quando formos apenas parte da paisagem.

Já pensei no suicídio, confesso. O que alcancei até hoje não era excitante o suficiente para querer saber o que me reserva o futuro. E ali fiquei, hesitante, desconhecendo se existe uma decisão correta para cada dúvida que tenhamos. Senti o meu espírito atingir um fundo qualquer, fundo esse que conseguiu reerguer as minhas forças. Foi o fundo que me mostrou que não há mais fundo do que o fundo, mais escuro do que no fundo, mais abismal do que no fundo. Só havia assim uma direção a seguir: subir até alcançar a luz e uma razão qualquer que me despertasse a curiosidade.

Hoje sinto-me melhor. Ainda não atingi a luz, mas já vejo sombras. E pouco a pouco vou tentando entender que nem todas as minhas ações passadas têm as consequências que entretêm a paranoia.

O meu tempo tem sido ocupado com a associação, cuja direção agora dirijo. Houve uma discussão pacífica entre todos os colegas e os votos ditaram que eu seria o novo diretor. A Rosália não ficou muito satisfeita, mas tudo foi feito de forma democrática. Agora que o criador tinha desaparecido, a democracia ia reinar. Aquela associação era construída dia-a-dia por todos nós e a mensagem seria implementada sem hesitação.

Contei à Margarida tudo o que sabia e vi. Ela fez-me entender que eu era um dos suspeitos do homicídio do Daniel. “Discutiste com ele. Foste tu quem o fez ingerir o cianeto?”, perguntou-me. Aí soube que não tinha sido atropelado, mas nada disse aos restantes suspeitos. Garanti-lhes que nunca mexera em venenos e que pensava que era impossível adquiri-los. A Susana tinha uma prima que lançava uns feitiços do outro mundo, porém nunca acreditei nessas barbaridades. A morte por cianeto é extremamente rápida, pelo que o veneno fora administrado pouco antes de o Daniel sair para o almoço.

Sinto a presença dele enquanto escrevo estas palavras. Daniel, se estás a ler o meu pensamento, espero que tenhas conhecimento que sempre agi de acordo com os meus princípios. Peço-te desculpa se alguma vez ultrapassei os teus limites. Admiro-te.

Estêvão Silveira, 67 anos

Eu tenho os meus defeitos e vivo bem com eles. Toda a gente tem os seus, uns mais complexos do que outros. Ainda assim, há uma certa tendência para relativizá-los exageradamente. É o que faço, mesmo quando sou obrigado a admitir que eles são a causa de peripécias da vida.

Iria ser um verão como tantos outros, passado num luxuoso hotel como tantos outros. Acabou por ser uma morte como tantas outras, que me deixou marcas até hoje.

Estávamos alojados muito perto do mar e tomámos a iniciativa e ir passear pelas falésias. Eram percursos devidamente sinalizados, nada propícios a tragédias. Não digo que fosse difícil ali suicidar-se, mas havia um nível de segurança que me agradava.

Recordo-me da quarta-feira em que o acontecimento que aqui descrevo teve lugar. Uma tarde magnífica, não muito escaldante, carregada de otimismo e satisfação. Combinámos passar pelo parque de campismo da zona, seguindo a linha do mar, até chegarmos à praia, mais abaixo, onde daríamos meia-volta para regressar pela areia ao hotel. O mar, prepotente, dava indicação de que algo grave estava prestes a acontecer, porém, como mencionei anteriormente, os espíritos vagueavam alegremente.

No ponto mais alto da longa falésia, a minha cunhada pediu-me que tirasse uma fotografia. A Bárbara costumava encarregar-se desse género de tarefas, mas tinha ficado na piscina do hotel com a mãe. A fotografia que eu iria tirar era composta pelo Daniel e pela minha cunhada, ambos virados contra o inocente horizonte. Contra a minha vontade, passaram o limite de segurança imposto que os separava do abismo. Não entendi o que se passou e confesso que me culpo por não ter agido de imediato. É um dos meus defeitos.

A Cecília tropeçou numa pedra de maiores dimensões e agarrou-se ao Daniel. Ambos se desequilibraram e caíram. Eu segurava a câmara fotográfica como se de alguém se tratasse. Vi-os desaparecer e tirei uma fotografia, sem intenção, composta apenas pelo inocente horizonte.

Gritei por eles e corri ao seu encontro, ainda que já sem grande esperança de os encontrar com vida. Conseguiram segurar-se a uma rocha, lado a lado, a uns oitenta centímetros do topo. O olhar da minha cunhada gritava por ajuda. Quando tentava chegar a minha mão à dela, o meu filho falou-me como nunca experienciara. “Ajuda-me, covarde!”, foi o que me disse. “Deixa-a!”.

Cedi à sua autoridade e desviei a minha mão na sua direção. De um segundo para o outro, vejo a Cecília distanciar-se de mim... cada vez mais... até uma enorme mancha de sangue molhar a areia. O Daniel culpou-me pelo que acontecera, mas convenci-o a contar uma versão diferente da história à polícia.

Bárbara Silveira, 26 anos

Falei com a Susana depois do funeral num café perto do cemitério. Eu não tinha matado o meu irmão e queria ter a certeza de que ela também não. Garantiu-me que fizera justiça com as próprias mãos e que eu podia agora viver livre de qualquer medo. Quando lhe perguntei se o tinha matado, olhou-me como se eu lhe tivesse perguntado um disparate. “Claro que não!”

Disse-lhe que os meus pais guardavam algum rancor em relação a certos comportamentos do filho e isso não a chocou. “Até eu a sentiria. Não acredito que eles o mataram.”, garantiu. “Penso que o assassino é o André, a Rosália ou a Viviana.”, completou.

“Eu?”, disse a Viviana ao aproximar-se de nós. A sua sombra na mesa tinha forma de elefante, um elefante elegante. “Tu é que te escondeste na mansão com o rapaz, Susana. Para quê? Da forma como ele saiu de lá, acredito que algo de muito estranho lhe tenhas feito. Se o objetivo é libertares-te de um peso que tens carregado nos últimos dias, então podes tirar o cavalo da chuva. Não sou assassina!”.

Confesso que, naquele instante, desconfiei da Susana, mas entendi de seguida que ela atraía o Daniel para a mesma teia que ele fora construindo ao longo dos anos. Uma aranha que não fez uso da força para atrair outra aranha, manipulável pela tentação sexual, para a teia desta. Um leve sorriso iluminou a minha face, imaginando a aflição do meu irmão ao ter o que eu lhe deveria ter feito, com a mesma rudez, com a mesma frieza. Um sorriso... eu estava livre e sentia-o pela primeira vez em anos.

A Viviana deixou-nos finalmente em paz. “Obrigada”, disse eu à Susana, agarrando-lhe as mãos.